



**WEBDIÁSPORAS E A CONSTRUÇÃO DAS IDENTIDADES TRANSNACIONAIS  
E INTERCULTURAIS: O CASO DOS IMIGRANTES SÍRIO-LIBANESES NO SUL  
E SUDESTE DO BRASIL**

**GT1: Comunicação Intercultural e Folkcomunicação**

Guilherme Oliveira Curi

Instituição: Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Escola de  
Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. ECO-PÓS UFRJ.

Rio de Janeiro – RJ. Brasil

e-mail: curi.guilherme@gmail.com

**Temática central**

O presente trabalho é fruto da pesquisa de tese que está em andamento no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, orientado pelo Professor Dr. Mohammed Hajji e também parte dos projetos de pesquisa diaspotics.org e webdiáspora.br, iniciativa desenvolvida no Programa de Educação Tutorial da Escola de Comunicação da UFRJ (PET-ECO), que tem como problemática de fundo a relação entre o fenômeno migratório e as Novas Tecnologias da Comunicação e Informação (NTICs), mais especificamente, a internet.

Partimos da premissa do fenômeno migratório e da capacidade de mobilidade humana não serem fenômenos novos na história da humanidade. O homem, do período paleolítico, possuía duas características principais: a de ser quadrúpede e nômade. Ao longo dos milhares de anos, tribos migravam em escala regional

devido principalmente às necessidades impostas pela natureza. No decorrer dos séculos, o ser humano desenvolve então a capacidade de locomover-se com mais rapidez e a partir da metade do segundo milênio, com o início das grandes navegações, começa a atravessar continentes e percorrer maiores distâncias.

Todavia, desde o começo do século passado, devido ao grande avanço tecnológico, é possível constatar uma intensificação dos movimentos e fluxos migratórios em escala global dando início ao que Castles (2008) chama de a “era das migrações”, caracterizada por inumeráveis diásporas. De acordo com relatório da Organização das Nações Unidas (ONU) produzido recentemente pela Organização Internacional da Migração (OIM), existem 214 milhões de imigrantes no mundo<sup>1</sup> ou seja, uma em cada seis pessoas no planeta deslocou-se de seu local de origem.

No entanto, os apontamentos quantitativos do crescimento das migrações transnacionais nas últimas décadas podem ser considerados como uma das dimensões do fenômeno entre os mais diversos fatores de ordem qualitativa que contribuem para construir a complexa rede de significações. Intrinsecamente relacionado aos processo migratório nas últimas décadas está também o acelerado desenvolvimento das novas tecnologias da comunicação e informação (NTICs) e suas decorrentes mediações, que pressupõe transformações nos modos de relacionamento não somente para aqueles envolvidos diretamente nos processo mas em todos os contextos da paisagem cultural e sócio-política, caracterizada por de milhões de hibridizações, trocas, cruzamentos subjetivos, afetivos, simbólicos, imaginários e materiais. São fusões, passagens, encontros, chegadas e partidas definitivas ou não, que a cada momento nutrem a experiência humana, a transformam e lhe dão um novo sentido não somente para o migrante,

---

<sup>1</sup> Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil <http://www.iom.int/cms/migration-health>

mas para a população local que o recebe e também a que está na sua terra natal. Nas palavras ElHajji (2012), esta paisagem cultural torna-se hoje repleta de “laços de sentido que se tecem e se densificam, costurando a teia simbólica global que vem cobrindo o mundo e reformulando a sua morfologia social e humana – discursiva, imaginária e biológica” (2012:34).

O Brasil, no contexto dos movimentos migratórios transnacionais é reconhecido por ser um país de emigração e também de imigração. O fato de ser considerada uma nação emigratória é um pouco mais recente, acontece a partir da metade do século XX e se intensifica em meados dos anos de 1980. Já como país de imigrantes, é reconhecido pela presença de imigrações européias e orientais que chegaram ao País no final do século XIX e início do século XX. Segundo Cogo & Badet (2013), entre os anos 1819 e final da década de 1940, desembarcaram cinco milhões de migrantes, entre eles europeus, asiáticos e árabes, onde aí incluísse a comunidade sírio-libanesa.

Hoje, percebe-se que estas experiências migratórias transnacionais são reproduzidas e mediadas através das TICs, principalmente via internet . Não é difícil encontrarmos sites, blogs, fóruns e grupos nas redes sociais sobre migração. Decorrente desta práticas midiáticas surge o conceito de webdiáspora, caro aos estudos migratórios dentro do campo da ciência da comunicação, foco do trabalho em questão.

### **Objetivos**

Desta forma, o objetivo principal deste estudo é pesquisar o uso das novas tecnologias da informação e comunicação pelos imigrantes sírio-libaneses<sup>2</sup> nas

---

<sup>2</sup> Justifica-se conceber os sírio-libaneses como uma única comunidade pelo fato de ambos estarem historicamente interligados no contexto migratório brasileiro e geograficamente conectados e dependentes em seus países de origem, algo que deve ser discutido mas que por hora utiliza-se esta hifenização.

regiões sul e sudeste do Brasil e assim verificar seu papel na construção da identidade diaspórica transnacional e intercultural dessas comunidades.

Para tal, como objetivo específico esta sendo realizado um mapeamento e análise de todas as mídias digitais encontradas na rede (*websites*, *blogs*, fóruns e redes sociais) produzidas por imigrantes e descendentes de sírio-libaneses no País para conferir a existência da chamada webdiáspora. Além disso, também é realizado um levantamento bibliográfico dos periódicos sírio-libaneses publicados desde a chegada destes imigrantes no Brasil com o intuito de haver uma melhor compreensão do contexto histórico das mídias impressas árabes no Brasil (que começam a surgir na virada do século XIX para o século XX) até as novas formas de comunicação produzidas hoje através do meios digitais.

Assim, dentro do quadro sociopolítico e cultural atual, busca-se verificar como as questões migratórias transnacionais em seus mais diversos sentidos são transformadas em práticas discursivas e simbólicas nestes novos meios de comunicação. Questiona-se o que realmente está em jogo nos processos webdiaspóricos para assim compreender a contemporaneidade através da ótica migratória nas mídias digitais e suas mediações.

### **Caracterização da pesquisa**

Pensar o América Latina e por conseqüência o Brasil sem considerar a profunda relação com os processos migratórios transnacionais e interculturais seria algo impraticável. Como argumento inicial pressupõe-se que a relação com o tempo e o espaço para o imigrante de hoje passa a ser diferente do imigrante de tempos atrás, que antes comunicava-se por cartas ou até mesmo por mensagens enviadas por outros viajantes e utilizava-se principalmente da mídia impressa para reproduzir e divulgar suas práticas políticas e socioculturais.

A globalização na qual este imigrante está inserido é percebida como uma transformação histórica marcada pelos contínuos, generalizados e cada vez mais rápidos deslocamentos espaciais e temporais. Vale salientar porém que ao refletirmos sobre as identidades transnacionais, sugerimos abordar o imigração para além de um recorte individual (sujeito migrante) mas sim em uma macro perspectiva que abrange os fluxos midiáticos, materiais, simbólicos e populacionais em constante movimento. Assim, parte-se da hipótese que os espaços criados na mídia digital pelas diásporas contribuem para a manutenção e criação de vínculos sociais, tanto com entes deixados no país de origem, quanto com possíveis novas relações a serem desenvolvidas no país de acolhida, resultando assim em um diálogo intercultural acelerado.

No entanto, a comunicação entre grupos imigrantes obviamente não nasce com a internet. O conteúdo de informações disponíveis sobre as grandes levas imigratórias para o país, principalmente entre as primeiras décadas do século XX, estimula a promover um recuo histórico na tentativa de compreender como tradicionalmente se estabeleceram redes de comunicação na diáspora sírio-libanesa no Brasil.

De acordo com Truzzi (2008), ao abordarmos a imigração árabe a primeira imagem se remete ao final do século XIX, quando navios do oriente aportaram nos portos de Santos (SP), Rio de Janeiro (RJ) e Rio Grande (RS), com indivíduos que buscavam refazer suas vidas longe do Império Turco-Otomano. Mais precisamente, a principal época de entrada de sírio-libaneses dá-se na metade do século XIX, por volta de 1880, quatro anos após a visita de D. Pedro II ao Líbano, considerada a grande onda migratória sírio-libanesa, composta principalmente por cristãos. De acordo com Amorim (2010), a maioria dos sírio-libaneses que vieram para cá enfrentavam uma difícil situação econômica, política e religiosa em seus

locais de origem. Segundo a pesquisadora, em 1861 houve um grande massacre de libaneses cristãos, fazendo com que muitos destes migrassem.

Os primeiros imigrantes empregaram-se como colonos, porém, como a maioria deles possuíam uma maior facilidade para o comércio e logo deslocavam-se para os centros urbanos mais próximos (os chamados mascates ou caixeiros viajantes). Nesta mesma época, os primeiros veículos de imprensa árabe começaram a surgir no País. Segundo Safady (1972), um dos primeiros acadêmicos a pesquisar a imigração sírio-libanesa, a imprensa árabe no Brasil, além de ter influenciado diretamente na criação do *adab al-mahjar*, que significa justamente literatura de imigração, colabora de forma decisiva para o desenvolvimento e difusão das atividades privadas e coletivas da cultura árabe.

Desde o ano de 1895 até 1971 foram contabilizados por Safady (1972) o expressivo número de mais de cento e sessenta órgãos de imprensa, a grande maioria na língua árabe mas alguns também em português e também mistos. Mais de trezentos jornalistas exerceram suas atividades nestes jornais. O primeiro jornal árabe publicado no Brasil, que dura apenas algumas meses, dá-se na cidade de Campinas- SP e chama-se de Al-Faihá. Um ano após, em 1896 nas cidades portuárias de Santos-SP e Rio de Janeiro -RJ, porta de entrada dos imigrantes no País, surgem mais publicações. Em 1901, o Brasil já constavam cinco jornais árabes.

Mais de uma década se passa e em 1915 contabiliza-se dezoito periódicos ao todo. Muitos destes veículos utilizavam a titulação “Al Brasil” (O Brasil) para nomear os seus periódicos, algo que buscava contribuir na tentativa de uma maior integração entre as comunidades na sociedade de destino.

No entanto, para Lesser (2001) o papel social de tais veículos pode ser considerado ambíguo: o uso do árabe nas publicações, o destaque à vida associativa e a constante atenção aos acontecimentos políticos do país de origem contribuíam para a manutenção dos laços pré-migratórios, ao passo que orientações sobre como se estabelecer no novo ambiente apresentavam-se como estímulo à dinâmica de aculturação. Não se trata aqui estabelecer julgamentos de valor sobre se a imprensa árabe promoveu ou não a integração desses imigrantes. Pelo contrário, acredita-se que a ambiguidade é dimensão constituinte da trajetória migrante, cujo paradoxo do estar dentro e fora ao mesmo tempo é reivindicado como ferramenta epistemológica central por inúmeros autores que se dedicaram a explorar a forma migrante de estar no mundo (SIMMEL, 1908) (SAYAD, 1996).

Avançando na discussão, ao analisarmos o levantamento feito por Safady, percebe-se um fato peculiar a ser analisado: no ano de 1941 vários periódicos encerraram suas atividades, principalmente os que já estavam há mais tempo sendo publicados, entre eles: *Fata Lubnán* (O Jovem do Líbano), em São Paulo, que durou 38 anos; o *Ad-Adl* (A Justiça), do Rio de Janeiro, que ficou 40 anos em atividade; e *Ar-Rábiat* (A Liga), em São Paulo, veículo de cunho político que publicava questões da Liga Patriótica Síria. Ao também atentar para a história política brasileira na época, o motivo para tal fechamento torna-se claro: durante o período conhecido por Estado Novo do então presidente Getúlio Vargas, em 1941, passa-se a banir todos os jornais em língua estrangeira. Segundo Lesser (2001) tal fato acontece paradoxalmente no exato momento em que os nacionalistas sírios estavam começando a acreditar no sucesso de sua luta pela independência. Muitos desses ideais eram expressos, publicados e propagados justamente nos periódicos que agora eram obrigados a fechar.

Safady (1972) relata também que nesta mesma época o Brasil era reconhecido no mundo árabe como *Terra da Promissão*, “por nele terem encontrado algo do que

procuravam, e que em seu meio ambiente, sob domínio da Turquia, não lhes permitia obter” (1972:84). Algo que é percebido até os dias atuais só que agora reproduzido através das novas mídias digitais.. Esta projeção que se fazia às terras brasileiras era muitas vezes constada nas mídias impressas elaboradas pelos árabes que aqui estavam. Não ao acaso, três anos após fechamento dos até então tradicionais periódicos, em 1944 o escritor Taufic Duon lança um estudo sobre imigração árabe no Brasil intitulado *A Imigração Sírio-Libanesa às Terras da Promissão*.

Após o fim do regime de Vargas, em 1945, começam a ressurgir as publicações árabes entre eles o próprio Fata Lubnán, agora com o nome de Brasil-Líbano, já demonstrando aí outro caráter discursivo decorrente dos encontros culturais no mundo ocidental pós-industrial que passaria a marcar as comunidades migrantes: a chamada hifenização (ver Lesser: 2001).

Ao analisar a produção destes periódicos neste determinado período histórico percebe-se que a imprensa árabe no Brasil funcionou como uma extensão da esfera pública em ambos os territórios intensificando a discussão sobre a construção da identidade árabe, acabando assim por construir uma rede transnacional de debate político sociocultural. Nesta mesma época, em 1943 e 1946, o Líbano e a Síria tornaram-se independentes do colonialismo europeu.

Avançando de forma linear na história da imigração árabe na tentativa de compreensão dos dias atuais e suas representações midiáticas discursivas, partir de 1970, outro fator político expressivo traz mais imigrantes: a guerra civil libanesa. Truzzi (2008) ressalta que o conflito foi marcado por batalhas de várias correntes políticas e religiosas entre cristãos maronitas e muçulmanos. Ao contrário do que havia acontecido anteriormente, em 1976, um massacre de mil pessoas pelas forças cristãs causa um grande êxodo do país.



Já a Síria desde 2011 vive uma intensa guerra civil devido a disputas étnicas e religiosas na região entre as forças leiais e contrárias (Coalizão Nacional) ao governo de Bashar Al-Assad. O Líbano, por sua vez, desfrutou ao longo dos últimos anos alguns períodos de prosperidade e paz, porém marcados por bruscas interrupções como a guerra civil entre os anos de 1975 a 1990 e também, recentemente, em 2006, o conflito bélico entre Israel e o grupo rebelde mulçumano *Hezbollah*.

Atualmente, de acordo com dados publicados pelo controle de imigração do governo brasileiro, até o ano passado existiam cerca de 15 mil imigrantes libaneses permanentes no Brasil enquanto o número de sírios seria de 3.149<sup>3</sup>. Outro dado importante é a crescente taxa de refugiados sírios desde o início dos conflitos e que aumentou significativamente em 2013, passando de 17 para 261<sup>4</sup>.

Passado mais de um século, o número total de descendentes ainda levanta discordâncias, não há dados oficiais mas calcula-se que hoje vivem em torno de sete milhões de descendentes sírio-libaneses no Brasil, o maior número de descendentes de imigrantes da Síria e do Líbano no mundo. Só no estado de São Paulo cogita-se existir em torno quinhentos mil descendentes.

Assim, após esta breve contextualização, desembarcamos na contemporaneidade marcada pela vivência simultânea em múltiplo e distintos sentidos. Constata-se assim após mapeamento na internet a existência de comunidades em plena atividade na rede relacionados à imigração sírio-libanesa no Brasil, como: o grupo bem ativo no *facebook* chamado “Libaneses e descendentes no Brasil”<sup>5</sup>; que possui em torno de 400 membros e um administrador que coordena a entrada e

---

<sup>3</sup> <http://oestrangeiro.org/>

<sup>4</sup> <http://oestrangeiro.org/2013/09/23/relativo-aumento-de-refugiados-sirios-no-brasil>

<sup>5</sup> <https://www.facebook.com/groups/GLDNB/>

saída de novos participantes; outro denominado “Cedros e Libaneses”, que engloba imigrantes árabes em toda a América Latina, principalmente nas zonas de fronteira. O lema deste grupo é: “Se sou descendente, não basta ser somente no sangue mas é importante saber o que isso significa”; há também outra comunidade no *facebook* chamada “Eu Amo o Líbano”<sup>6</sup>, que conta com o expressivo número de 4.173 membros até o momento da produção deste artigo. Neste espaço virtual, os integrantes muitas vezes postam fotos de seus antepassados no Líbano, lembram de datas festivas relativas a imigração libanesa, compartilham fotos da terra natal e também pratos típicos da culinária libanesa.

Além destas citadas, destaca-se o *website* da União Islâmica no Brasil<sup>7</sup> de cunho religioso mas também diretamente ligado às questões migratórias e a Gazeta Beirute, que afirma ser “o portal semanal de notícias do Líbano para comunidade brasileira”<sup>8</sup>.

Analisando estes grupos, percebe-se, de maneira geral, uma busca constante de superação dos planos territoriais estatais de representação simbólica, uma espécie de gestão do imaginário coletivo e “retorno às origens”, em outras palavras, uma “re-produção” de narrativas culturais, étnicas, religiosas ou nacionais diferenciadas, culminando em uma enunciação de uma identidade coletiva hifenizada ou transnacional, algo que já era reproduzido pelos jornais árabes no Brasil no começo do século passado mas que agora possui um caráter mais dinâmico, interativo entre outras características peculiares da webdiaspora que serão discutidas a seguir.

---

<sup>6</sup>[https://www.facebook.com/groups/EUAMOOLIBANO.EAL/731945603492593/?notif\\_t=group\\_activity](https://www.facebook.com/groups/EUAMOOLIBANO.EAL/731945603492593/?notif_t=group_activity)

<sup>7</sup> <http://www.uniaoislamica.com.br>

<sup>8</sup> <http://www.gazetadebeirute.com/>

Além destes, foram identificados grupos exclusivamente criados devido aos atuais conflitos na Síria. São eles: Coordenação da Revolução na Síria no Brasil<sup>9</sup>; “A revolução Síria no Brasil”<sup>10</sup>; Coalizão Nacional para as Forças da revolução e da oposição Síria no Brasil<sup>11</sup>, e por fim, a “Frente Brasileira de Solidariedade com a Síria”.<sup>12</sup> Observou-se que os primeiros grupos mencionados apóiam as forças revolucionárias contra o governo sírio, já o último mostra-se a favor. Assim, constata-se que o embate político, mesmo que deslocado territorialmente, continua sendo reproduzido por estas comunidades, assim como acontecia com a mídia impressa árabe diasporica no começo do século passado.

Destacam-se também dois *blogs*. A “revolução síria”, que oferece “informações sobre os acontecimentos na Síria em tempo real (...) para os irmãos sírios no Brasil que querem o melhor para o povo sírio, que há 42 anos sofre com a tirania”<sup>13</sup>; e a “revolucionaria síria”<sup>14</sup> e está vinculado à Coordenação da Revolução na Síria no Brasil, citado anteriormente.

Após esta breve descrição, é possível apontar alguns pontos fundamentais observados: através do uso das NTICs, além de servir como ferramenta de contato com a terra natal, os imigrantes buscam reafirmar e fortalecer seus vínculos culturais e sócio-políticos com o país de origem, promovendo associativismo, atuação política e preservação da memória, num processo contínuo de construção e manutenção de identidades culturais transnacionais; nas comunidades citadas há uma promoção constante para a agregação entre os antigos e novos migrantes através de diferentes formas simbólicas, em um processo transversal e dialógico; A web propicia ao imigrante a construção não só

<sup>9</sup> <https://www.facebook.com/revolucaosiria>

<sup>10</sup> <https://www.facebook.com/pages/A-Revolucao-Siria-no-Brasil-المعارضة-السورية-في-البرازيل/221617187870717>

<sup>11</sup> <https://www.facebook.com/www.coalizaonacional.com.br>

<sup>12</sup> <https://www.facebook.com/solidariedadecomasia?ref=profile>

<sup>13</sup> <http://revolucaosiria.blogspot.com.br/>

<sup>14</sup> <http://revolucaosiria.wordpress.com/>

de espaços transnacionais de informação e interação mas revela-se como uma ferramenta para a construção de cidadania; Na grande maioria dos canais na web utilizados percebe-se que os imigrantes árabes partilham de uma espécie de memória coletiva de sua terra natal a até mesmo, por vezes, reforçam alguns estereótipos a partir dos próprios discursos que são construídos no país em que agora vivem, algo sucinto a uma nova análise; E, por fim, na medida em que estas comunidades elaboram suas práticas discursivas através da web, elas procuram desenvolver estratégias que atuam como dispositivos simbólicos na disputa pela imposição do sentido.

### **Reflexões teóricas**

Desta forma, atento ao campo da ciências da comunicação e a profunda relação do fenômeno migratório com as novas mídias digitais na construção de identidades transnacionais, em seus diferentes níveis, o trabalho proposto busca agora abordar e discutir de forma crítica o recente conceito de webdiaspora. Para tal, faz-se necessário uma breve análise crítica de conceitos chaves que as compõe, que são: diáspora e interculturalidade.

Como ponto de partida para o debate proposto, Canclini (2005) afirma que atualmente passamos de um mundo multicultural, concebido por sua justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação, para um contexto intercultural e globalizado. Assim, sob concepções multiculturais, afirma Canclini (2005), “admita-se a diversidade de culturas, sublinhando a diferença e propondo políticas relativas de respeito, que frequentemente reforçam a segregação” (2005:17). Por outro lado:

a interculturalidade remete à confrontação e ao entrelaçamento, àquilo que sucede quando os grupos entram

em relações e trocas. Ambos os termos implicam dois modos de produção do social: *multiculturalidade* supõe aceitação do heterogêneo; *interculturalidade* implica que os diferentes são o que são, em relações de negociação. Conflito e empréstimos recíprocos” (CANCLINI, 2005, p.18).

Já Hall (2003) traz uma fundamental observação teórica ao salientar que o conceito fechado e hermético de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença, “uma espécie de fronteira de exclusão, dependente da construção de um “outro ou de uma oposição rígida entre o dentro e o fora” (2003:33). Segundo ele, o conceito de *différance* de Derrida torna-se de extrema utilidade para uma melhor compreensão das formas diaspóricas contemporâneas. *Différance*, seria uma diferença que não funciona através de “binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas também lugares de passagem (*places de passage*) e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim” (2003:33).

Algo semelhante ao pensamento de Mirzoeff (2000) ao observar que a diáspora gera: “múltiplos pontos de vista, no qual o observador está localizado entre indivíduos, comunidades e culturas em um processo de interação dialógica (...) que vai além da perspectiva cartesiana racional e positivista”(2000:06 – Tradução nossa). Para ele, devemos nos referir a diásporas sempre no plural e nunca compreendida como um processo isolado na qual sua natureza e sua origem podem ser conferidas.

Neste mesmo contexto teórico, Gilroy (1993), ao analisar as formas de diáspora africanas que cruzaram o Atlântico Negro (assim chamado em seu livro homônimo) afirma que as identidades diaspóricas são produzidas através de “ciclos de chamada e resposta na qual elas podem ser perdidas, encontradas e

novamente renovadas com vitalidade”(1993:38). Segundo ele, os fenômenos diaspóricos nos desafiam “a compreender a cultura como algo mutável e itinerante pois proporciona uma complexa potência de dinâmicas de memórias vivas” (1993:202 – Tradução nossa).

Já Cogo (2012) compreende a diáspora como uma identidade coletiva que não limita-se a um contexto pós-colonial, mas que pode insurgir de qualquer situação de dispersão da população migrante ao redor do mundo e no interior do próprio país. Segundo a pesquisadora, “sua tessitura comporta uma multiplicidade de identificações, vínculos , cruzamentos culturais e não apenas a polarização entre identidades nacionais homogêneas dos países de origem e de migração” (2012:47).

Assim, avançando na discussão e aproximando para o campos da ciências da comunicação, El Hajji (2012), afirma que as distâncias geográficas e a relativa demora das comunicações da época pré-global ainda permitiam uma nova elaboração mais aprofundada da identidade minoritária de origem no ambiente de destino. No entanto, “à medida que se configura uma nova esfera étnico-cultural transnacional, se torna mais problemática a desvinculação do universo simbólico inicial ou o afastamento das comunidades ‘irmãs’ espalhadas pelo mundo” (2012:35).

De fato, Mattelart (2009) alerta que se as TICs são consideradas uma forma de tentar atenuar a ausência decorrente do processo de migração mas que elas também podem ser observadas “como algo que ajuda aqueles que querem, mesmo distantes, contribuir ativamente para a vida sócio-econômica e política de

sua cidade ou país de origem, em outras palavras, a capacidade de estar mais presente”<sup>15</sup>(2009:42 – Tradução nossa).

Para Bálsamo & Etcheverry (2012), o uso das TICs e a possibilidade de migrar seriam elementos interconectados, entre os quais não podemos estabelecer uma relação de causa e resultado. Em outras palavras, a imigração pode ser percebida com um fenômeno global, tanto para os que planejam um deslocamento quanto para os que já tenham saído do local de origem, ou até mesmo aqueles que ficaram e estão à espera ou fazem parte do projeto migratório (familiares, amigos) e utilizam a tecnologia para comunicar-se. Com isso, para os autores, a migração gera uma espécie de “deslocamento espacial e social (...) uma reconfiguração de identidade” (2011:68). Algo ressaltado por Appadurai (2004) ao afirmar que os meios de comunicação e as migrações de massa passaram a se concretizar como forças novas que incidem menos no plano da técnica, como pensam muitos, e mais nos plano imaginário.

Já Primo (2013), ao analisar as novas práticas na *web*, afirma que de fato elas “transformaram substancialmente a vida em todos os seus aspectos e já se não pode pensá-la distante de mediações digitais”(2003:16). Assim, na contemporaneidade não poderíamos mais ignorar a força dos movimentos espontâneos em redes, nos quais os efeitos antes não eram possíveis em uma sociedade caracterizada pela mídia de massa. Primo afirma que as utopias de hoje seriam “energias que geram movimentos e dão sentido e inspiração a indivíduos e grupos” (2013:17). Segundo ele, na *web*, as próprias práticas comprovariam a força dos meios digitais para a mobilização, articulação e ações políticas.

---

<sup>15</sup> <http://ticetsociete.revues.org/600#tocto1n1>

Avançando na discussão, Diminescu (2012), organizadora de uma publicação online que reúne pesquisadores de diversas nacionalidades sobre tema, denomina e-diáspora (webdiáspora) o coletivo de imigrantes que organizam suas atividades primeiramente pela e na web; suas práticas seriam aquelas as quais a interação de uma determinada comunidade é aprimorada por uma troca digital. E-diáspora seria assim um coletivo disperso ou uma entidade heterogênea na qual sua existência é baseada na elaboração de um objetivo comum, direção esta por vezes não definida em uma única vez e por todos mas constantemente renegociada na media em que o coletivo evolui. A e-diáspora, segundo Diminescu, é assim considerada uma forma midiática instável por ser redesenhada por cada novo participante.

Monnier (2012) por sua vez afirma que as webdiásporas seriam “sites produzidos por comunidades transnacionais a partir de um dos locais de dispersão, organizados por um ou mais elementos culturais compartilhados voltados explicitamente para os membros da comunidade dispersa em todo o mundo pela migração” (2012:270). Segundo ela, nestas páginas, o imigrante parece ainda estar no país de origem, “contribuindo para a conscientização de uma identidade, sua afirmação pública e realização de ações de reivindicações, representação ou desenvolvimento econômico e cultural para o benefício de seus membros”. (2012:271).

Já Brignol (2012) atenta principalmente para o uso quase que funcional da webdiáspora, observada como redes de apoio que permitem o contato, a troca e interação entre sujeitos distantes geograficamente, que, segundo ela, além de ajudar na decisão de migrar e no processo de instalação, permite a manutenção de vínculos com o país de origem, através do contato com migrantes da mesma nacionalidade e participação em ambientes de convivência em comum. Para Brignol, as redes webdiáspóricas são:



estratégias de interações sociais, espaços de intercâmbios flexíveis, dinâmicos e em constante movimento, que manifestam uma forma de estar junto, de conectar-se e formar laços, ao mesmo tempo em que podem implicar em um modo de participação social cuja dinâmica leve a mudanças concretas na vida dos sujeitos ou das organizações (BRIGNOL, L.D; 2012:136).

Desta forma, Mattelart (2009) afirma que os sites criados por migrantes devem ser compreendidos a partir de seus diferentes contextos, como os fóruns públicos que por vezes produzem críticas contra as autoridades locais no país de origem e de chegada, algo que não seria muito recente na história dos meios de comunicação (vide os jornais produzidos por emigrantes árabes). Observa-se que o diferencial das formas webdiaspóricas dá-se pelo fato de que as notícias e opiniões são construídas em conjunto com outros imigrantes conectados na rede e também com aqueles que ainda estão no país de origem.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa descritiva e analítica na qual o levantamento bibliográfico interdisciplinar é o ponto de partida da metodologia proposta, centrando-se em uma revisão dos trabalhos de pesquisadores em nível mundial e local que estudam os fenômenos migratórios transnacionais, as NTICs e as identidades diaspóricas resultantes do processo. Delimitou-se o tema nas regiões sul e sudeste devido a extensão continental do País e o fato de ambas as regiões concentrarem o maior número de imigrantes e descendentes árabes.

Para a verificação das formas webdiaspóricas, segue-se os pressupostos metodológicos de Diminescu (2012), ao considerar webdiáspora (e-diáspora) um *website* de migrantes que é criado ou gerenciado por migrantes e, ou, que lidam com eles (em qualquer nível, mas sempre levando em consideração ser um *site* onde imigração e diáspora é o tema definidor). Poderá ser um *website*, *blog* pessoal, um *website* de uma associação, um portal, fórum, uma *site* institucional ou algo similar. O uso ou o acesso não seria o critério definidor: por exemplo, um *website* que é comumente consultado por imigrantes (um jornal *online* por exemplo) não é necessariamente um *site* de imigração. O que diferencia a atividade é principalmente a produção de conteúdo e a prática de citações e *hyperlinks* (Diminescu, 20012).

Segundo Bálsamo e Etcheverry (2012), para responder às questões relativas à reconfiguração identitária produzida em contextos migratórios via TICs devemos atentar para o fato de não ser um mero desdobramento intelectual frente à tela do computador mas sim algo mais complexo que deve ser observado como “reflexões baseadas na exposição direta às diversas tensões que o compõem” (2012:70).

Busca-se assim driblar uma abordagem ocidentalista, como sugere ElHajji (2012), algo que tem como tendência “homogeneizar o passado, presente e futuro”, no já conhecido “molde eurocêntrico e reducionista” (2012:32). Seguindo esta linha de raciocínio este trabalho não pode ser considerado de natureza comparativa em seu sentido restrito, mas sim construtivista, transversal e dialógica, com o objetivo de traçar um esboço de realidades transnacionais em diferentes tempos e espaços, atentando sempre para as novas tecnologias de comunicação e para a profunda relação nas comunidades em questão. Para ElHajji “a “regra de ouro consiste em sempre contextualizar os dados obtidos ou recolhidos” (2012:36).

De fato, as provocações teóricas e metodológicas são em grande parte frutos dos pressupostos de Muniz Sodré (2006) ao afirmar que os “desafios da comunicação enquanto *práxis* social (...) é a de suscitar uma *compreensão*”(2006:14) ou seja, “um conhecimento e ao mesmo tempo uma aplicação do que se conhece, na medida em que os sujeitos implicados no discurso orientam-se, nas situações concretas da vida, pelo sentido comunicativamente obtido” (2006:15).

## **Resumo**

A pesquisa busca analisar o uso das novas tecnologias da informação e comunicação pelos imigrantes sírio-libaneses nas regiões sul e sudeste do Brasil e assim verificar seu papel na construção da identidade diaspórica transnacional dessas comunidades. Para tanto, realiza-se um levantamento das mídias produzidas antes e agora por imigrantes e descendentes de sírio-libaneses, para assim conferir a existência da chamada webdiáspora e seus contextos socioculturais, político e histórico no Brasil. Verifica-se assim como as questões migratórias transnacionais e interculturais em seus mais diversos sentidos são transformadas em práticas discursivas e simbólicas nestes novos meios de comunicação. Questiona-se o que realmente está em jogo e assim compreender a contemporaneidade através da ótica migratória nas mídias digitais e suas mediações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Amorim, N. (2010). *A Integração dos imigrantes sírios e libaneses no cenário urbano brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) UFU.
- Appadurai, A. (2004). *Dimensões culturais da Globalização: A modernidade sem peias*. Lisboa. Editorial Teorema.
- Bálsmo, P. U., & Etcheverry, D. (2012). Tecnologias da Comunicação e reconfiguração de identidades em processos migratórios entre África Ocidental, Europa e o Cone Sul, in COGO, D., ELHAJJI, M., & HUERTAS, A. (eds.): *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Bellaterra : Universitat Autònoma de Barcelona.
- Brignol, L D., & Cogo, D. (2011). Redes Sociais e os estudos de recepção na internet. *Matrizes: revista do programa de pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo*. 4 (2). Disponível em <http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/75/112>
- Canclini, N. G. (2005). *Diferentes, Desiguais e Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- Cogo, D., Elhajji, M. & Huertas, A. (eds.) (2012). *Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*, Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.
- Cogo, D., & Badet, M. (2013). *Guia das migrações transnacionais e diversidade cultural para comunicadores*. Migrantes no Brasil. Bellaterra: UAB/IHU.

Diminescu, D. (2012). *E-Diaspora*. Paris: Fondation de la Maison des Sciences de l'Homme, Disponível na <http://www.e-diasporas.fr/>.

Gilroy, P. (1993). *The Black Atlantic: Modernity and Double Consciousness*. Cambridge, Mass: Harvard University Press.

Hall, S. (2003). *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Organização Liv. Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG; Representação da UNESCO no Brasil.

Lesser, J. (2001). *A Negociação da Identidade Nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo. Editora da UNESP.

Mattelart, T. Les diasporas à l'heure des technologies de l'information et de la communication : petit état des saviors. *Tic et Diasporas*. 3 (1-2) Disponível em <http://ticetsociete.revues.org/600>

Mirzoeff, N. (2000). *Diaspora and Visual Culture. 'Representing Africans and Jews'*. Routledge. London.

Primo, Alex (org.) (2013). *Interações em Rede*. Porto Alegre. Sulina.

Safady, Jorge. (1972). *A Imigração Árabe no Brasil*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

Sodré, M. (2006). *As Estratégias Sensíveis: Afeto, Mídia e Política*. Rio de Janeiro. Ed. Vozes.

Truzzi, O. (2008). *Patrícios: Sírios e Libaneses em São Paulo*. Ed. Unesp,